

A LITERATURA E O SEU ENSINO

PETAR DIMITROV PETROV *

A problemática do ensino da literatura levanta, a nosso ver, algumas questões prévias do âmbito dos estudos literários e que dizem respeito à **natureza e à função da criação poética**.

1. A preocupação com a **essência das belas letras**, designação atribuída à literatura até ao século XVIII, remonta à antiguidade greco-latina, com os tratados de Platão, Aristóteles e Horácio. Ao longo dos tempos, esta questão foi objecto de especulações por parte de diferentes correntes estéticas, das quais se destacam as doutrinas dos dois últimos séculos.

A primeira escola que marcou extraordinariamente os estudos literários foi a do Historicismo. Desenvolvendo-se na segunda metade do século XIX, tinha por objectivo examinar a literatura em função de factores exteriores à mesma, tais como a raça e o meio, num dado momento histórico. Porém, a metodologia de análise do Historicismo literário ignorava as características estéticas da criação poética.

Com a entrada no século XX, ao Historicismo literário juntam-se outras teorias de abordagem extrínseca. Referimo-nos à Psicocrítica, fundamentada em pressupostos psicanalíticos, e à Sociologia da Literatura, de orientação marxista. Com algumas excepções pontuais, as duas metodologias examinam a obra como resultado de impulsos e factores de ordem individual, no primeiro caso, e de condicionamentos colectivos, no segundo.

A análise extrínseca é posta em causa pelas modernas correntes de crítica no século XX. Os fundamentos de uma nova poética são lançados pelos teóricos do Círculo Linguístico de Moscovo e, conseqüentemente, pelos adeptos do Formalismo Russo. Estes recusaram quaisquer preocupações psicológicas, filosóficas ou sociológicas e interrogaram a obra em si mesma. Reagindo contra o impressionismo e o subjectivismo, os formalistas adoptaram um método de análise intrínseca, procurando sempre a **literariedade**, isto é, os elementos e os valores que configuram e singularizam o discurso poético.

Muitos dos pressupostos do Formalismo Russo foram aproveitados e desenvolvidos por outros críticos de movimentos posteriores, como é o caso do New Criticism norte americano, do Estruturalismo, da Estilística e da Semiótica.

O New Criticism, por exemplo, preconiza, tal como os formalistas, o estudo imanente da literatura, denunciando os inconvenientes dos processos utilizados pelo Historicismo.

* Docente da ESE de Beja

Advoga uma leitura minuciosa (*close reading*), com um objectivo essencial: apreender o modo de utilização da linguagem mediante a análise dos múltiplos elementos que constituem a estrutura de um texto poético.

A ideia da imanência persistiu também nas diferentes correntes estruturalistas europeias, em particular na escola francesa. Em consonância com a noção de estrutura literária, o estruturalismo esteve empenhado em descrever as relações instituídas entre os vários elementos componentes de um dado texto artístico. Partindo da concepção da obra como um sistema autónomo de estruturas, cujos elementos o crítico tem de decifrar e reestruturar, a metodologia estruturalista coincide, substancialmente, com a análise da literariedade proposta pelo Formalismo Russo, com a *close-reading* do New Criticism e com a perspectiva estilística baseada no estruturalismo saussuriano.

Por outro lado, as teorias estruturalistas apresentam um inegável interesse, por terem eliminado a clássica relação *autor-obra* em favor da relação *leitor-obra*, assinalando a natureza da criação poética: um mundo construído pela linguagem e dentro da linguagem.

A Estilística deu igualmente o seu contributo para o desenvolvimento desta ideia, na sua tentativa de delimitar e explicitar a essência da literatura. Segundo as suas perspectivas ligadas à Psicologia, à Sociologia e ao Estruturalismo, o estilo é entendido como resultado da expressão da subjectividade do artista, podendo ser detectado no texto através de uma análise formal do processo de expressão.

Os estudos da Poética do século XX culminaram, nas últimas décadas, nas doutrinas semiótico-comunicativas. No que diz respeito à natureza da obra literária, a semiótica postula que a sua linguagem é constituída por uma combinação específica de diversos códigos heterogéneos (e não só pelo código linguístico, ideia implícita nas teorias formalista e estruturalista), tais como os técnico-narrativos, estilísticos, discursivos, representativos, temáticos e ideológicos.

A concepção da literatura como sistema semiótico, consequência dos estudos da linguística saussuriana, desde o Formalismo Russo até ao Estruturalismo, pode ser considerada como fundamento de uma teoria científica do fenómeno poético. E é exactamente esta cientificidade que nos permite falar em ensino da literatura, visto que "a palavra ensinar implica um mínimo de objectividade, significa transmissão de conhecimentos".¹

2. A função da literatura preocupou igualmente os estudiosos desde a antiguidade. Todavia, a ideia da autonomia da obra de arte é relativamente nova. A célebre concepção de Horácio, de que a arte devia ser "dulce et utile", influenciou as teorias estéticas ao longo dos tempos e, até ao final do século XVIII, a literatura foi concebida com uma finalidade hedonista ou pedagógico-didáctica.

O desenvolvimento das doutrinas acerca da autonomia da criação poética verifica-se com a estética kantiana, dando origem, por seu lado, às teorias idealistas da arte pela arte. O pressuposto de que a arte é uma "Finalidade sem fim" (Kant), cuja existência não precisa ser justificada em função de valores morais, éticos, religiosos e sociais, faz com que a experiência estética seja encarada como uma "satisfação desinteressada" (Kant), isto é, um prazer isento de objectivos utilitários. Relegando o utilitarismo, as teorias da arte pela arte contribuem para a desvirtualização do fenómeno literário e proclamam que a criação poé-

tica constitui um domínio perfeitamente alheio ao conhecimento, dependendo unicamente da subjectividade do artista.

Aliás, a ideia de que a literatura não é um adequado veículo de conhecimento aparece, em tempos remotos, na estética platónica. Segundo o filósofo grego, a *mimésis* artística não consegue revelar a verdade das coisas, tornando-se "criadora de vãs aparências" (Platão, *República*).

Em contrapartida, Aristóteles, discípulo de Platão, proclama que "a Poesia é mais filosófica e mais elevada do que a História, pois a poesia conta de preferência o geral e a História o particular" (*Poética*). Por consequência, o conhecimento proposto pela obra literária actua no real, pois a obra poética é "uma construção formal baseada em elementos do mundo real" (*Poética*).²

A problemática da literatura como forma de conhecimento voltou a ser levantada com o Romantismo e a estética contemporânea. De um modo geral, actualmente continuam a prevalecer duas ideias: uma proclama que a literatura não deve ser encarada como uma actividade meramente lúdica, mas reveladora de verdades sobre o homem; a outra considera que a literatura constitui um domínio alheio ao conhecimento, limitando-se a veicular emoções artísticas. No nosso entender, e parafraseando o Prof. Vitor Manuel de Aguiar e Silva, a literatura não pode, com efeito, ser analisada como uma forma de conhecimento baseada em princípios puramente científicos. Todavia, desligar o fenómeno literário da actividade cognoscitiva, representa uma inaceitável mutilação do mesmo. Toda e qualquer obra literária veicula uma experiência humana, diz algo acerca do homem e do mundo. Exprime determinados valores, delinea uma certa cosmovisão, revela a interioridade do artista. Por conseguinte, constitui uma forma de conhecimento.³

Assim, concebendo a literatura como uma forma específica do conhecimento, temos de admitir a necessidade de ela ser estudada e ensinada.

3. Em resultado do que foi exposto, acerca da natureza e da funcionalidade do fenómeno literário, podemos apresentar, de modo sintético, a questão do **ensino da literatura**.

O Prof. Jacinto do Prado Coelho, acerca do assunto, escrevia o seguinte: "Não há, suponho, disciplina mais formativa do que o "ensino" da literatura (...). Saber idiomático, experiência prática e vital, sensibilidade, gosto, capacidade de ver, fantasia, espírito crítico - a tudo isto faz apelo a obra literária, tudo isto o seu estudo mobiliza. O que não significa, é evidente, que a literatura se confunda com pedagogia. A literatura não se fez para ensinar: é a reflexão sobre a literatura que nos ensina" ⁴

Na nossa opinião, a **reflexão** a que se refere J. P. Coelho tem a ver com a problemática da **leitura** do texto literário. Numa perspectiva linguística, o acto da leitura consiste na reconstituição, por parte do destinatário, da mensagem textual elaborada por um emissor. Numa perspectiva semiótica, o acto de leitura implica, por parte do leitor, primeiro: o conhecimento do **sistema modalizante primário** (Lotman) em que o texto está constituído (que é o código linguístico) e segundo: um conhecimento do sistema literário e dos respectivos códigos que o estruturam. Por conseguinte, o acto de leitura só é possível quando o policódigo do emissor e o policódigo do receptor se intersectam mutuamente, ou por outras, quando ocorrer a **fusão de dois horizontes**, o horizonte implícito do texto e o horizonte

representado pelo leitor no acto de leitura deste texto. 5 Ora, nem sempre a fusão de horizontes se torna possível. Daí podermos tirar ilações sobre o papel do professor de literatura: proporcionar aos alunos os elementos necessários para que se concretize a fusão referida. E o fornecer de elementos, consistiria em ensinar a ler, não de qualquer maneira, mas ler de modo crítico. (J.P.Coelho).

É sabido, que a leitura de um texto literário pode ser de dois tipos: uma, de certo modo superficial, é própria do leitor comum, que encara, na maioria das vezes, a obra literária como um objecto lúdico; a outra, a leitura crítica, representa uma actividade sistemática e se assume como processo de descodificação e avaliação estética do discurso literário.6

No caso do ensino da literatura, é evidente que interessa o segundo tipo de leitura. Logo, a actividade do professor deve ser orientada com o objectivo de formar, ou contribuir para a formação, de um espírito crítico no aluno. Para tal, importa salientar a necessidade de que o docente deve ser também um bom crítico, visto que o assumir uma atitude crítica é um acto pedagógico em si.

Assim, no ensino da literatura, tal como no processo de leitura crítica, há duas etapas a seguir: a primeira diz respeito à explicitação do objecto estudado e a segunda tem a ver com a explicação do mesmo. 7

Por explicitação entendemos o processo analítico de decomposição de uma estrutura textual nos seus elementos constitutivos. A atitude a assumir, neste processo, é exclusivamente de âmbito descritivo, objectivo, e, por conseguinte, científico. É uma forma de ensinar a ler, que consiste em facultar os instrumentos de análise textual. Neste domínio, o professor pode aproveitar tudo o que há de positivo nas tendências formais que se desenvolveram, principalmente, no último século e que concebem a obra literária "como objecto susceptível de ser estudado em si mesmo" 8 As correntes poéticas, como a Estilística, o Estruturalismo e a Semiótica, fornecem os instrumentos metodológicos para a concretização desta primeira etapa. O avanço que se verifica no desenvolvimento dos estudos literários, implica, por seu lado, uma constante actualização e renovação dos conhecimentos científicos, às quais o professor de literatura não pode ficar alheio.

Para se completar a leitura crítica, da explicitação passar-se-á à explicação, ou seja, da análise transitar-se-á para o acto hermenêutico ou interpretativo. Nesta etapa, o papel do professor será o de ajudar a aprender a ler. Nesta perspectiva, o docente deve ser capaz de conjugar as perspectivas mais avançadas do domínio dos estudos literários, ou seja, da Poética, com áreas científicas extra-literárias, de âmbito mais vasto, como as relacionadas com a cultura, a sociologia, a economia, a psicologia, etc. Mais ainda, e no dizer de Jacinto do Prado Coelho, "a leitura do professor funcionará apenas como exemplo de leitura possível, estímulo para outras leituras, em que cada aluno ponha em acção a sua inteligência e sensibilidade (...) Daí as virtualidades formativas do estudo da literatura, devidamente orientado - convite incessante para uma autognose, um enriquecimento interior e o exercício dum espírito independente". 9

NOTAS:

1. COELHO, Jacinto do Prado, "Como Ensinar Literatura", in Ao Contrário de Penélope, Bertrand, Lisboa, 1976, p. 62

2. Ver sobre o assunto SILVA, Victor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Almedina, Coimbra, 1973 (3ª edição), p. 109 ss.
3. SILVA, Vitor de Manuel de Aguiar e, op. cit. p. 109 ss.
4. COELHO, Jacinto do Prado. op. cit. pp. 45/46
5. Ver sobre o assunto SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, Almedina, Coimbra, 1988, 8ª edição, p. 313 ss.
6. Ver REIS, Carlos, *Técnicas de Análise textual*, Almedina, Coimbra, 1981, p. 21 ss.
7. Ver MATOS, Maria Vitalina Leal de, "*Reflexões sobre a Literatura e o seu Ensino*", in. *Ler e Escrever*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1987 p. 16 ss.
8. MATOS, Maria Vitalina Leal de, op. cit. p. 18.
9. COELHO, Jacinto do Prado. op. cit. p. 65.

fotopaz

- .RETRATOS DE ARTE
- .FOTOGRAFIA PROFISSIONAL

Rua de Mértola, 63

7 800 BEJA

FRIMAIS

SOCIEDADE DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO, LDA.

- . EQUIPAMENTOS HOTELEIROS
- . COZINHAS E LAVANDARIAS INDUSTRIAIS
- Representante ZANUSSI
- . AR CONDICIONADO
- Representante FNAC

Rua dos Açoutados, 17
☎ 2 35 23 7800 BEJA

